



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 23, v. 1
nov.-dez. 2025
p. 270-291

Escrevivências de si e de nós: o lugar da escrita COM jovens pesquisadores de uma escola periférica

(Writings of themselves and of us: the place of writing WITH young researchers from a peripheral school)

(Escritos de sí mismos y de nosotros: el lugar de la escritura CON jóvenes investigadores de una escuela periférica)

Mayara Ruth Nishiyama Soares¹

Luciana Lobo Miranda²

Alanna Maria da Silva Sousa³

Marta Clarice Nascimento Oliveira⁴

RESUMO: Este relato parte de uma pesquisa de mestrado que discutiu como jovens pesquisadoras/es enunciam as questões de gênero que atravessam seu cotidiano escolar. Em interlocução com a Pesquisa-Inter(in)venção e a perspectiva do PesquisarCOM, o objetivo deste artigo é analisar as escrevivências produzidas por jovens pesquisadoras/es de uma escola pública da periferia de Fortaleza/CE durante a referida pesquisa. Neste sentido, analisa-se como essas narrativas produzidas através de escrevivências inspiradas em Conceição Evaristo desafiam normas e estereótipos impostos pela colonialidade, que molda a vida dos jovens periféricos através de categorias como raça, classe e gênero. Inspirado por perspectivas de descolonização do saber e do ser, o estudo propõe uma abordagem que fortalece e potencializa as vozes marginalizadas, utilizando a escrita como ferramenta de empoderamento e transformação. Considera-se que essas narrativas funcionam como instrumentos de denúncia das estruturas coloniais ainda presentes na sociedade contemporânea, evidenciando as re(existências) experimentadas por estes corpos.

PALAVRAS-CHAVE: Escrevivência; Escola; Arte; Gênero; Decolonialidade.

Abstract: This report is part of a master's research project that discussed how young women enunciate the gender issues that permeate their daily school life. In interlocution with Research-Inter(in)vention and the perspective of Research-Com, the aim of this article is to analyze the writings produced by young researchers from a public school on the outskirts of Fortaleza, Ceará, during this research. In this sense, it analyzes how these narratives produced through writings inspired by Conceição Evaristo challenge norms and stereotypes imposed by coloniality, which shapes the lives of peripheral young people through categories such as race, class and gender. Inspired by perspectives of decolonization of knowledge and being, the study proposes an approach that strengthens and empowers marginalized voices, using writing as a tool for empowerment and transformation. It is considered that these narratives function as instruments for denouncing the colonial structures still present in contemporary society, highlighting the re(existences) experienced by these bodies.

Keywords: Writing; School; Art; Gender; Decoloniality.

Resumen: Este informe forma parte de un proyecto de investigación de máster en el que se analizaba cómo las mujeres y los hombres jóvenes enuncian las cuestiones de género que impregnan su vida escolar cotidiana. En interlocución con la Investigación-Inter(in)ención y la perspectiva de la Investigación-Com, el objetivo de este artículo es analizar los escritos producidos por jóvenes investigadores de una escuela pública de la periferia de Fortaleza, en el estado de Ceará, durante esta investigación. En este sentido, se analiza cómo estas narrativas producidas a través de escritos inspirados en Conceição Evaristo desafían las normas y estereotipos impuestos por la colonialidad, que moldea la vida de los jóvenes periféricos a través de categorías como raza, clase y género. Inspirado en las perspectivas de descolonización del saber

1 Doutoranda e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Universidade Estadual do Ceará em Limoeiro do Norte/CE. E-mail: mayararnishiyama@gmail.com

2 Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Professora Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza – CE, Brasil. E-mail: luciana.miranda@ufc.br

3 Psicóloga pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Psicóloga Clínica Gestalt-terapeuta. E-mail: alannamariadssousa@gmail.com

4 Psicóloga pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Profissional Residente no programa de Saúde Mental Coletiva pela Escola de Saúde Pública do Ceará. E-mail: psimartaclarice@gmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 28/06/2024

Aceito em 02/10/2025

y del ser, el estudio propone un enfoque que fortalece y potencia las voces marginadas, utilizando la escritura como herramienta de empoderamiento y transformación. Se considera que estas narrativas funcionan como instrumentos de denuncia de las estructuras coloniales aún presentes en la sociedad contemporánea, poniendo de relieve las re(existencias) experimentadas por estos cuerpos.

Palabras clave: Escritura; Escuela; Arte; Género; Decolonialidad.

1 Introdução

“É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida (Evaristo, 2020a, p. 35).”

O artigo em questão é um aprofundamento de uma pesquisa de mestrado intitulada “A gente combinamos de escre(viver)”: pesquisando gênero com estudantes numa escola pública do Grande Bom Jardim, ligada ao Artes Insurgentes e ao Projeto de extensão É da nossa escola que falamos, e compõe a pesquisa guarda-chuva “Cartografia de práticas culturais periféricas do cotidiano de coletivos juvenis na cidade de Fortaleza”. Nosso problema de pesquisa tem discutido como narrativas, por meio da escrevivência, podem inventar uma pesquisa COM jovens periféricos sobre gênero em uma escola pública da periferia. Desse modo, este artigo tem como objetivo analisar as escrevivências produzidas por jovens pesquisadoras/es⁵ de uma escola pública da periferia de Fortaleza/CE. Trata-se, então, de, através de uma discussão analítica da pesquisa em questão, pensar nas narrativas produzidas a partir da escrevivência criada por Conceição Evaristo, dando ênfase às práticas de re(existências) feitas nas folhas dos diários-escrevintes dos jovens participantes da pesquisa.

O corpo pode ser dito de muitas formas, diferindo em espaços e tempos, desgostos e desejos, barreiras e aberturas, que vão constituindo sua forma de existir no mundo. Pensar a juventude da periferia, diversa e pulsátil, coloca em cena um corpo marcado por linhas de duras configurações, ao pensarmos as normatizações e moralismos impostos a esse segmento. Nessa produção, a colonialidade surge como entrecruzamento para o que se traça, inclui, escreve ou dita sobre este corpo à margem, sendo um instrumento de domínio e controle advindo de um modelo de vida que se sustenta na norma branca, cisheterocompulsória e privilegiada.

Lugones (2020) aponta que a colonialidade é um fenômeno amplo que atravessa a raça, o sexo, a autoridade coletiva, o trabalho, a intersubjetividade e a produção de conhecimento a partir do próprio interior dessas relações, sendo, assim, arditamente, um pano de fundo que vai configurar modos de experienciar a vida muito distintos, a depender do corpo e do que ele vai

5 Durante a escrita do texto, faremos uso, também, da linguagem inclusiva, que se coloca para além das estruturas binárias socialmente construídas, destacando todas as perspectivas de identidade de gênero no processo de comunicação.



representar nesta teia de ganhos. Essa arma funciona a partir do que chega antes, que é a raça, a classe, o gênero, a sexualidade, o território, a idade e a corporeidade, alocando, em distintas posições, aqueles que estão no patamar do esperado e aqueles tidos como sobras.

Entender a colonialidade e suas repercussões sobre as minorias faz um convite que, sobretudo, busca profanar e torcer esses movimentos de diminuição da existência e expropriação do que pulsa nessa diferença. A juventude moradora da periferia de grandes centros urbanos com sua multiplicidade e potência, proporciona, justamente, vislumbrar os movimentos inventivos que podem delinear caminhos de fissura acerca de percepções tão enrijecidas sobre o que se espera deste segmento da população. Há, portanto, a possibilidade de uma invenção insurgente que nasce do olhar do jovem advindo da margem e dos arranjos contra-centro-referenciados que este experimenta, bagunçando os processos talhados socialmente que ditam o certo ou errado, vivo ou morto, possível ou impossível, por exemplo.

A perspectiva sudaka encontra este relato à medida que, para Santana (2018), propõe a construção de narrativas que vandalizam normatizações e perspectivas colonizadoras, concebendo o corpo como expressão daquilo que se dá para além de “caixas”. Nessa perspectiva, essa narrativa aposta na potência de imaginar de forma ativa e produtora da realidade, os percursos e possíveis do corpo, através das escritas envoltas nos distintos processos de subjetivação da juventude da favela, destacando as possibilidades e iniquidades no entorno desta narrativização, por meio da escrevivência, numa pesquisa COM esse público em um território periférico de Fortaleza.

Nessa ótica, inspiradas nas lentes da descolonização (Maldonado-Torres, 2008; Lugones, 2020), o caminho que tentamos construir entende que é preciso ultrapassar saberes eurocentrados e ideias exteriorizadas sobre uma realidade que vibra sob nossos pés. Para isso, é fundamental que nos apropriemos de uma existência que é tecida a partir de nós, e não deles. Contrariando o colonialismo, jogamos com palavras coloniais, apropriando-nos delas e enfraquecendo-as, ao mesmo tempo em que olhamos para as nossas, tão enfraquecidas, visando um movimento de fortalecimento e potencialização disso que nos pertence (Santos, 2023).

As narrativas que são feitas a partir do corpo, seja pelo sujeito, seja pelo outro, seja pelo Estado, seja pelas instituições, trazem, na carne incrustada, as leituras que ora fortificam, ora se distanciam daquilo que promove bons encontros que potencializam a existência desse corpo. Nesse sentido, o que pretendemos destacar aqui é a potência daquilo que é enunciado pelo indivíduo sobre o que vibra e reverbera a partir de si, banhando-nos das águas da produção de Conceição Evaristo. Segundo a autora, a escrevivência nasce da escrita de mulheres negras e do encontro que se dá a partir disso, tomando como mote a criação de uma vivência não só pessoal, mas também



coletiva (Evaristo, 2017).

Pensar a escrita e a vida na periferia ganha um pano diferente do que se espera para este território, impulsionando caminhos mais vastos das narrativas sobre a juventude de um território à margem do centro da capital. Numa radicalização do entendimento de ciência, que advém, usualmente, ancorada numa leitura hegemônica e distante, este processo de pesquisa, que traz em cena a escrita como ferramenta central, utilizou, como estratégia de produção de dados, a aliança com o Programa de Iniciação Científica do Ensino Médio (PIBIC-EM)⁶ para sua processualidade. Este programa aparece como dispositivo que possibilita uma radicalização do fazer com a escola, talhando caminhos para que as/es/os secundaristas da instituição escolhida possam ser copesquisadoras do seu cotidiano escolar.

Neste recorte, a partir de uma pesquisa inter(in)venção com pesquisadores secundaristas de uma escola pública de uma periferia de Fortaleza, investigamos acerca de suas experiências com gênero no território escolar. Neste artigo, ao analisar as escritas produzidas por jovens pesquisadoras/es de uma escola pública da periferia de Fortaleza/CE durante a referida pesquisa, queremos pontuar a produção de (re)existências para estes corpos a partir do contato com a escrita durante o processo de pesquisa, que, junto ao olhar sensível e disruptivo da escrita nesse processo de produção, fabula não só conhecimento, mas, sobretudo, “eus” que podem mais, uma narrativa de si que é, no encontro da pesquisa, uma narrativa de nós.

2 Percursos metodológicos

2.1 Local e participantes

A presente caminhada iniciou-se pela aproximação do projeto Artes Insurgentes, ligado à Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Federal do Ceará (UFC), e do projeto de extensão É da nossa escola que falamos, ligado à Pró-Reitoria de Extensão da UFC, com o coletivo juvenil de resistência Jovens Agentes de Paz (JAP), atuantes nas regiões do Grande Bom Jardim (GBJ), região periférica de Fortaleza/CE. Esse trajeto de encontros entre extensão e pesquisa desembocou na pesquisa de mestrado “A gente combinamos de escre(viver)”: pesquisando gênero com estudantes numa escola pública do Grande Bom Jardim, que fundamentou nossa inserção em uma escola pública do território para desenvolvimento desta investigação.

6 O PIBIC-EM é o Programa de Iniciação Científica mais recente do CNPq, sendo criado em 2010 com a finalidade de envolver Instituições de Ensino Superior e de Pesquisa na criação de projetos de educação científica direcionados a estudantes do Ensino Médio. O objetivo da ação é estimular a permanência dos alunos nas escolas, incentivando o interesse pela ciência e o desenvolvimento de talentos científicos, além de orientar jovens estudantes na escolha de suas futuras carreiras, estes recebem uma bolsa no valor de 300 reais durante 12 meses e não podem ter qualquer vínculo empregatício (CNPq, 2006).



O diálogo construído entre os grupos agiu em prol de desenvolvimento de práticas de re(existência) que se manifestam por linguagens artísticas, incentivos educacionais e fortalecimento cultural, de tal modo que uma forma de expressão não está sobressalente a ponto de anular outras, mas cada uma escancara o grito político dos jovens envolvidos. As ações que surgiram de tal diálogo desaguam na idealização e realização do Festival das Juventudes, evento realizado no Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa (CDVHS), no GBJ, que contou com a construção coletiva advinda da parceria entre universidade e movimentos sociais do território. Este é um evento de formação e de resistência que promove o encontro entre as escolas do Ensino Médio das regiões do GBJ, a proposta é que, a partir de discussões envolvendo arte, surjam meios de luta por direito à vida.

O projeto se apresenta como aliado à decolonialidade como lente para reflexão e prática, almejando uma transgressão da Psicologia enquanto campo de ciência e profissão. Com essa perspectiva busca-se uma prática que fissura os pressupostos de uma psicologia hegemônica e engendrada em uma tradição epistemológica colonial, bebendo de leituras, saberes e inspirações que irrompem o tradicionalismo psi⁷ e se amparam em perspectivas latinas e afrodiaspóricas. Para isso, nos alinhamos a partir dessa categoria a uma compreensão que tem a decolonialidade como ferramenta que, segundo Costa e Grosfoguel (2016), interpreta a realidade a partir das experiências da América Latina, dando continuidade a uma tentativa constante de oposição e reação ao sistema mundo moderno/colonial instituído a partir dos desígnios imperiais e continuamente atualizado em nosso contemporâneo.

A decolonialidade é, portanto, “o terceiro elemento da modernidade/colonialidade” (Ballestrin, 2013, p. 105) quando a concebemos a partir da ideia do giro decolonial. Com essa perspectiva, aliada à realidade da psicologia como campo de saber e prática, há uma composição que se atenta aos corpos que constituem esse processo, ao território dessa pesquisa e às suas disputas de poder, sendo ferramenta central para análise e produção dos apontamentos deste caminho.

É, então, da importância para o modo atento do projeto que surge um pedido de intervenção que parte da gestão de uma das escolas do GBJ. Esta aproximação é iniciada por um episódio de assédio sexual entre pares. O pedido por parte da gestão é despertado pelo veemente furor de estudantes que declararam que a justiça seria demonstrada unicamente em caso de expulsão do estudante apontado como agressor, os quais, no entanto, esbarraram numa omissão por parte da

7 O termo refere-se aos campos da Psicologia, e também, da Psiquiatria, como campos de saber e poder, que sustentam-se, em sua maior parte, por bases tradicionalistas, coloniais e hegemônicas, que se encontram no que se refere ao olhar voltado para o sujeito, tido como um sujeito universal, dual, encaixotado e alvo de ferramentas de controle e análise muito bem articuladas com um desejo de controle e opressão.



própria gestão. O projeto Artes Insurgentes promoveu, então, uma sequência de encontros com o objetivo de mediar o diálogo entre estudantes e gestores e acolher a intensa raiva que os estudantes bradavam. Estes encontros findaram com a criação de um grupo político de resistência dentro do ambiente escolar, o Female Power, principal elo entre o projeto e a escola. O grupo passou então a promover discussões que envolvem a vivências de gênero e sexualidade na tessitura escolar.

A relação construída entre o grupo político de estudantes e a universidade mostrou-se tão mobilizadora que se notou que esta não poderia findar apenas com a criação do coletivo. O grupo, então, aproximou-se da gestão escolar para que fosse construída uma pesquisa que, junto às/aos estudantes, explorasse as questões de gênero no território escolar. Para isso, faz-se necessário observar que o campo do qual se fala trata de uma escola pública que surge de intensa mobilização da comunidade que a rodeia, construída no Grande Bom Jardim, circundada por cenários de disputas territoriais, conflito com forças policiais e alta taxa de letalidade da juventude. Além disso, por estar na fronteira entre Fortaleza/Ce e Maracanaú/Ce, foi relatado que havia uma desassistência por parte de ambas as prefeituras, que estão em constante jogo de transferência de apoio. No ano de 2023, a escola contava com 1311 alunos matriculados, distribuídos em 9 turmas de primeira série, 9 turmas de segunda série e 8 turmas de terceira série do Ensino Médio.

Por fim, compuseram a equipe de pesquisa uma estudante do Programa de Pós-graduação em Psicologia, através da pesquisa de mestrado “A gente combinamos de escre(viver)”: pesquisando gênero com estudantes numa escola pública do Grande Bom Jardim três estudantes da graduação em Psicologia, sendo uma bolsista do Programa de Extensão da UFC, uma bolsista do Programa de Promoção de Cultura Artística da Pró-Reitoria de Cultura da UFC e a última bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica; quatro secundaristas, sendo dois deles bolsistas Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Ensino Médio (PIBIC-EM) e duas voluntárias.

2.2 Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que se conduz por perspectivas da pesquisa-inter(in)venção e pelo pesquisadorCOM, métodos que evocam a implicação dos pesquisadores, pedindo deles constante movimento de reflexão (Costa; Barros, 2020; Moraes, 2014; Miranda; Cysne; Souza Filho, 2016). Além disso, fogem da ideia de que o saber científico está sobreposto a qualquer outro, assim, os pesquisadores da universidade não vão a campo para a colheita de informações, mas para a construção de reflexões acerca da realidade vivida, dadas em conjunto, cientes de que sua permanência provoca mudanças que devem ser assumidas². Neste percurso, o estudante é



pesquisador em seu microcosmo escolar. O PesquisarCOM, termo cunhado por Moraes (2014), por exemplo, afirma que pesquisar e intervir são inseparáveis, pois a pesquisa não representa o mundo, mas o cria na relação que se estabelece com outro. Este é tomado como um sujeito agente e não como objeto passivo, mero informante. Assim, não se pesquisa SOBRE, mas COM o outro. Em nosso caso, trata-se de pesquisarCOM jovens estudantes secundaristas.

O caminho trilhado envolveu encontros semanais na escola ao longo de um ano, este dividido em três etapas: a) formação de jovens pesquisadores, momento no qual o projeto de pesquisa era apreendido por cada pesquisador e temas que envolviam gênero e sexualidade eram discutidos; b) produção de dados de pesquisa, momento em que foi idealizado um formulário, divulgado para outros alunos da escola para entendimento dos sujeitos que habitam o campo; e c) a restituição nomeada por Cura(dor)ia, evento aberto a todos os alunos – bem como a professores e gestores – com roda de conversa e oficinas que colocavam na mesa discussões sobre gênero e suas nuances. O dispositivo comum nestas três etapas foi o que chamamos, inspiradas em Conceição Evaristo, de diário-escreviente. Foi através dele que narramos e coletivizamos o que estávamos experienciando na pesquisa.

O diário-escreviente foi escolhido como ferramenta de análise a partir de um trabalho que aproxima a produção da vivência e da rotina, com o corpo. Ao todo foram produzidos oito diários-escrevientes, com noventa e duas folhas escritas, durante um ano de pesquisa. O processo dessa pesquisa é inaugurado pela construção manual de cada diário-escreviente. Cada pesquisador(a) possuiu o seu, costurado manualmente, com a personalização com colagens e desenhos que diziam não só do processo de pesquisa, mas também do/da pesquisador/a. Com base nas escritas não apenas escritas, mas também desenhadas, coladas, grifadas no diário, constrói-se uma narrativa de si acerca de gênero no território escolar e na vida de um modo em geral. Assim, aventuramo-nos por experimentações que permitiram o encontro e a narração da vida, por meio de diferentes linguagens – oralidade, escrita, desenho, pintura, recorte-colagem, bordado. As palavras-chave que nos impulsionaram foram experimentação, criação, escrita, artesanato, narração, reinvenção⁸.

8 No que tange às considerações normativas de fazer pesquisa, destaca-se que a pesquisa “Cartografia de práticas culturais periféricas do cotidiano de coletivos juvenis na cidade de Fortaleza” obteve, sob parecer 4.470.814, a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal do Ceará, com registro do CAAE: 38817520.2.0000.5054. Portanto, destaca-se o compromisso em respeito dos que estiveram envolvidos e, pela fala ou pela escrita, partilharam suas vivências e percepções, assim contribuindo para que este estudo pudesse se tornar realidade.



3 Escrevivências de nós

A escrevivência é uma metodologia-experimentação cunhada por Conceição Evaristo em sua dissertação de mestrado em 1994, que convida a pensarmos as narrativas produzidas por corpos generificados e racializados através de uma escrita encarnada, trazendo, portanto, uma produção permeada por discussões no que se refere a gênero e raça (EVARISTO, 2006). A autora afirma que a escrevivência se realiza como um ato de escrita das mulheres negras com a pretensão de borrar e desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão sob controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.

E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020a, p. 30).

A escrevivência inspirou-nos e insurgiu como dispositivo de uma pesquisa feita com arte, materializada nos diários-escrevíveis que compuseram esse percurso, repletos de vivências, memórias e críticas sociais, para além do próprio registro da pesquisa. A produção desses diários foi feita à mão, com costura, colagem e rasgos em um dos primeiros encontros do grupo de pesquisa composto por universitárias e secundaristas. Essa escolha sustentou-se na aposta de promover uma sensação de pertencimento, no que diz respeito tanto a fazer parte do corpo de pesquisa, quanto a possibilitar, com isso, a pesquisa a falar mais sobre si, sobre os rostos e trajetos de cada um que compunha esse processo.

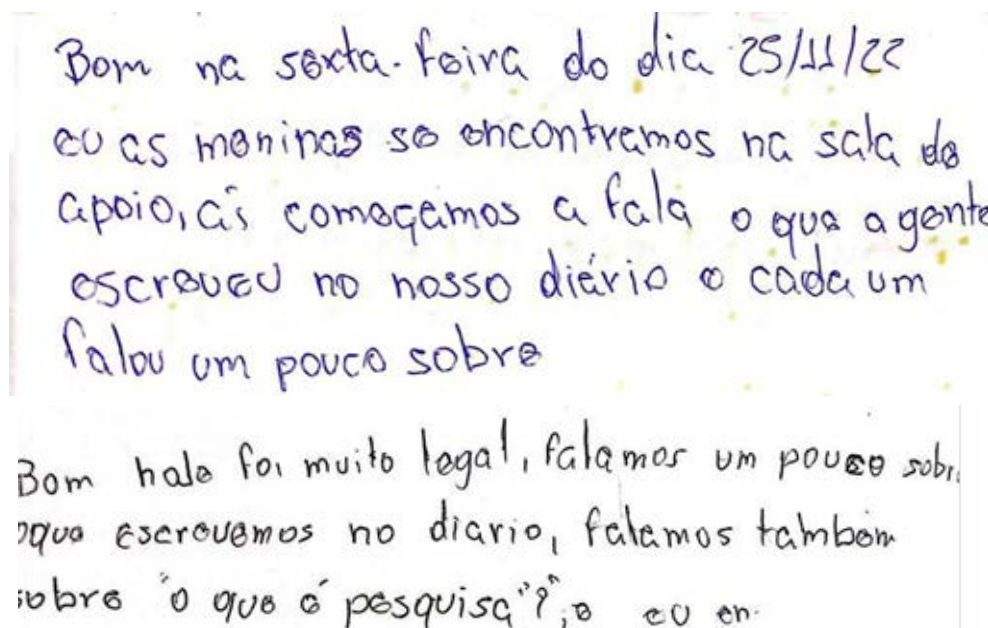
Para Evaristo (2020b), existe uma urgência e uma esperança de narrar, que questionam se o compromisso é da vida com a escrita ou da escrita com a vida. Essa escolha possibilitou justamente explorar o que compunha cada pesquisador/a em um trajeto compartilhado que se iniciava. Para além do mapeamento do campo, os diários traziam um aspecto de produção que permitia talhar outras possibilidades de existência em uma realidade ancorada na produção de um estudo sobre o campo educacional. Por meio dos encontros e do que ali ia se escrevivendo, o cuidado, acolhimento e aprendizado puderam reverberar nas vidas das/es/os pesquisadoras/es a partir das diferentes perspectivas que se juntavam nos espaços grupais de discussão e produção do coletivo.

O diário-escrevível abriu possibilidades de diferentes formas para que cada autor/a pudesse enunciar o que o campo comunicava, com posicionamentos e olhares diferentes, que produziam vistas que ora se encontravam, ora diferiam. Os atravessamentos foram colocados nas



materialidades escrevíveis a partir de como aquele processo acessava cada uma e promovia uma expressão díspar, de modo que cada pesquisador trazia um pouco de si, ainda que em um processo partilhado. Neste movimento, havia a liberdade de escolher a forma de se expressar, se por narrativas inteiras, parágrafos, estrofes, desenhos, colagens, costuras, dentre outras experiências, assim como a de destacar cenas, afetos e desejos múltiplos que vibravam em ondas distintas para cada corpo.

Figura 1: Trechos de diários-escrevíveis



Fonte: arquivo pessoal

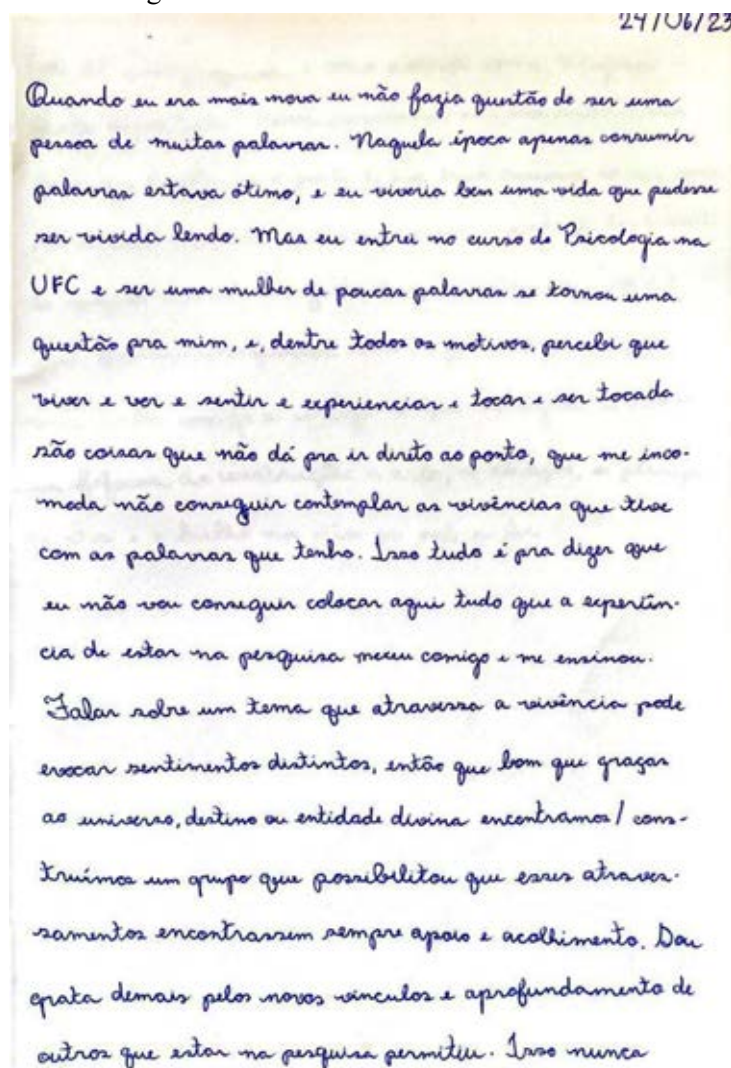
Durante um ano, aqueles diários nos acompanharam em cada momento da pesquisa, nas mochilas, nas mãos, nos bolsos, eles estavam sempre ali, representando o espaço que unia pesquisa e sujeitos em cada expressão posta, a partir da ideia da escrevivência. Iniciávamos o encontro do grupo de pesquisadoras com o mesmo movimento, perguntávamos como cada um estava e depois partíamos para a leitura dos diários. Era a possibilidade que tínhamos, também, de coletivizar essa escrita de nós em um processo de produção de conhecimento que se alinhava por diferentes traçados – fossem os da academia, fossem os da escola, fossem os das periferias, fossem os do centro –, por raças, gêneros e sexualidades em sua multiplicidade que ali coabitaram.

A pergunta sobre como estavam os diários sempre partia de nós, estudantes universitárias. Cada pessoa que estava presente, lia e abordava o que havia colocado durante a semana, trazendo nuances que se relacionavam com a temática foco do processo de pesquisa, que eram as vivências de gênero na escola, fazendo colocações que transversalizavam essa discussão, exemplificando



como o que acontecia em casa, as implicações com relação à raça, violência, espiritualidade, afetos e desejos, bem como o próprio fazer pesquisa apareciam nessas escritas de diferentes maneiras.

Figura 2: Trechos de diários-escrevíveis



Fonte: arquivo pessoal

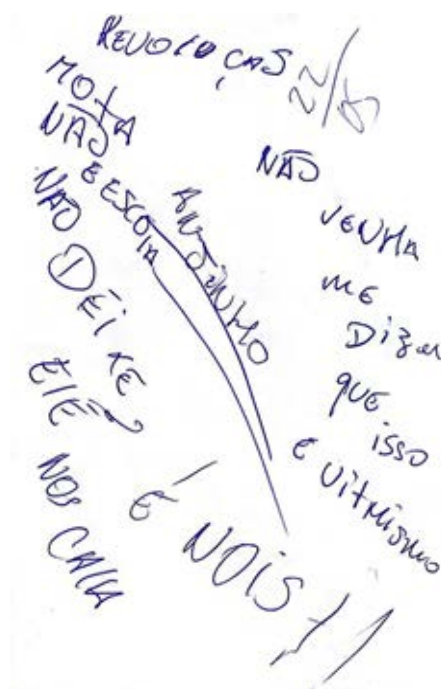
No segundo semestre, os próprios secundaristas começaram a se apropriar mais ainda do coletivo, o que fortaleceu a autonomia e provocou um movimento de eles mesmos trazerem questões para o nosso grupo e começarem os encontros semanais pela partilha das expressões de nossos diários-escrevíveis. Por meio desse movimento, produzimos uma pesquisa que voltou sua atenção para os cotidianos, encharcada de narrativas da vida. Essa metodologia resulta em relacionar lembranças, memórias, esquecimento, experiências, centrando, na coletividade da narração, as possibilidades de reinvenção das dimensões subjetivas da vida e do cotidiano, com ênfase nos modos de narrar e nos atos da memória.



No trecho acima, uma participante da equipe, universitária, escreve sobre as mudanças ocorridas na relação consigo ao entrar para a Universidade no que se refere à comunicação e aos afetos envolvidos nesse processo do falar e do dizer, afetados pela inserção em um meio competitivo e, por vezes, individualista, que é a academia. Na escrita, ela traz o espaço grupal construído através dessa pesquisa, na escola em questão, como um meio em que o acolhimento e o apoio eram possíveis até mesmo para os silêncios que pairavam entre palavras únicas. O ato de escrever nesta pesquisa produziu um novo olhar sobre si, possibilitado a partir do coletivo, com a partilha do grupo de todas as semanas, em todos os diários, fosse com aquilo que diferia, fosse, também, com o que confluía.

É interessante pensar a escrevivência a partir da memória da experiência da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada na casa grande, que ia aos quartos das crianças para contar histórias, cantar e ninar os futuros senhores e senhoras. Localizando essa memória na contemporaneidade, os corpos que fogem das normas, sobretudo no que tange à observância dos marcadores sociais de gênero, raça, sexualidade e território, mostram os efeitos da colonialidade que revela ferimentos e resquícios desse período em constante atualização. Conforme Kilomba (2019), talvez não tenhamos mais que contar as histórias deles para as suas crianças, mas a máscara do silenciamento ainda nos amordaça, somos subalternizados e marginalizados.

Figura 3: Trechos de diários-escrevintes



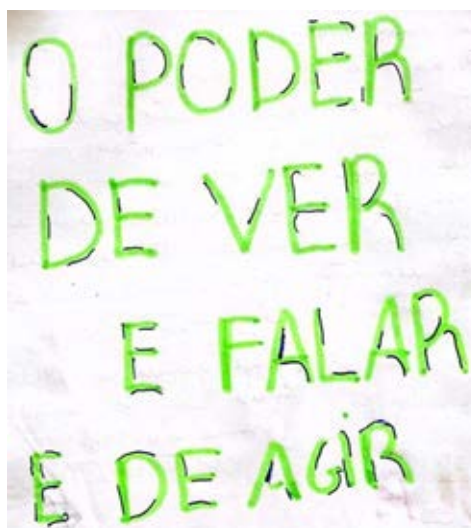
Fonte: arquivo pessoal



Observamos, nas páginas de cada diário, reflexos da colonialidade e seus vetores de força compondo o dia a dia de cada corpo, mostrando como as imposições violentas acabavam por imperar nesse diagrama. Nessa perspectiva, atravessamentos de gênero, sexualidade, raça, território e classe que escapavam à norma colonial, apareciam nas falas e nos registros dos diários como denúncias, gritos, reivindicações, cânticos e afirmações de fortalecimento que insistiam em denunciar lógicas de exclusão e apropriação sob o corpo da diferença. “Não deixe ele nos calar”; “Revolução”; “Não venha me dizer que isso é vitimismo”; “Cota não é esmola”; “É nois”. As folhas escreviam as encruzadas dos ruídos traçados para se permanecer vivo.

A escrevivência é, nesse sentido, um resgate. Ela surge, sob essa égide, como ferramenta ancestral que convoca a pensar o lugar da fala e da escrita de mulheres negras, lugar esse que, por muito tempo, foi roubado, potência de voz, de criação, de engenhosidade, que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. “E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não” (Evaristo, 2020a, p 18). A escrevivência provoca a pensar que estamos tomando de volta o que é nosso, nós, corpos que foram colocados à margem, estamos tomando posse da nossa escrita, da nossa voz.

Figura 4: Trechos de diários-escrevíveis



Fonte: arquivo pessoal

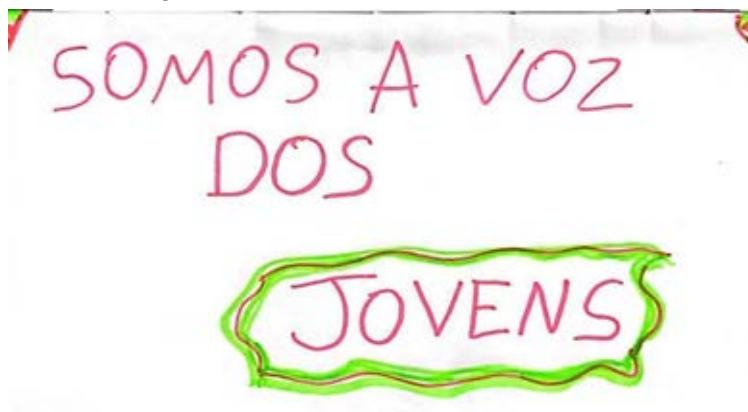
Nessa discussão, cabe pontuar que as juventudes que participaram desta pesquisa eram juventudes negras, periféricas, mulheres, LGBTQIAPN+, assoladas pelo recrudescimento das desigualdades e das violências, traços estes de um sistema moderno-colonial e necropolítico (Barros *et al.*, 2016), isto é, atravessadas por vivências de exclusão e extermínio, construídas na base de funcionamento da sociedade. Segundo Mbembe (2018, p. 152), trata-se das “formas



contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte”, formas que ditam processos históricos de silenciamento, invisibilização e extermínio das juventudes em sua maioria negra e pobre.

A repercussão desses vetores de força nestes corpos faz com que vibrem por meio das escritas e das falas, compondo-se de múltiplas maneiras, evocando uma voz que provoca transformações na realidade, que constrói novas tessituras e que vislumbra percursos possíveis para o corpo estruturalmente localizado na margem. Nesse sentido, repousa no termo *escrevivência* a responsabilidade de questionar o que está posto, fazendo emergir histórias até então desprezadas e subalternizadas. Trata-se de um movimento decolonial, que valoriza as contações locais femininas e suas sensibilidades biográficas, em uma transgressão epistêmica que, letra por letra, provoca uma verdadeira onda de insurgência que se dá no corpo, frente ao colocado como impossível.

Figura 5: Trechos de diários-escrevintes



Fonte: arquivo pessoal

O recorte de trabalhar com jovens no território escolar acaba compondo essa pesquisa e produzindo um escopo que permite uma fala localizada e alinhada com a construção que ultrapassa o literário. A voz da juventude desta produção demarca uma fala que não é universal, que advém de uma juventude múltipla, oriunda da favela, constituída por distintas composições territoriais, que fazem transbordar no corpo os tensionamentos dessas elaborações que se cruzam. Trata-se de uma juventude violentada, mas, sobretudo, de uma juventude criativa, que encontra jeitos e vias para resistir. A imagem acima é uma das folhas do diário-escrevinte de uma das pesquisadoras-secundaristas, que traz, em seu conteúdo, uma demarcação da palavra jovens e sua potência enquanto segmento, para enunciação e denúncia.

Ao voltarmos o olhar para o que pode a fala a partir dos jovens, o lugar social da juventude destaca-se na análise ao ser entendido por uma moral que usualmente coloca estes sujeitos num ideal de ainda estarem se preparando e se aprimorando para sua entrada na cena política. O que é

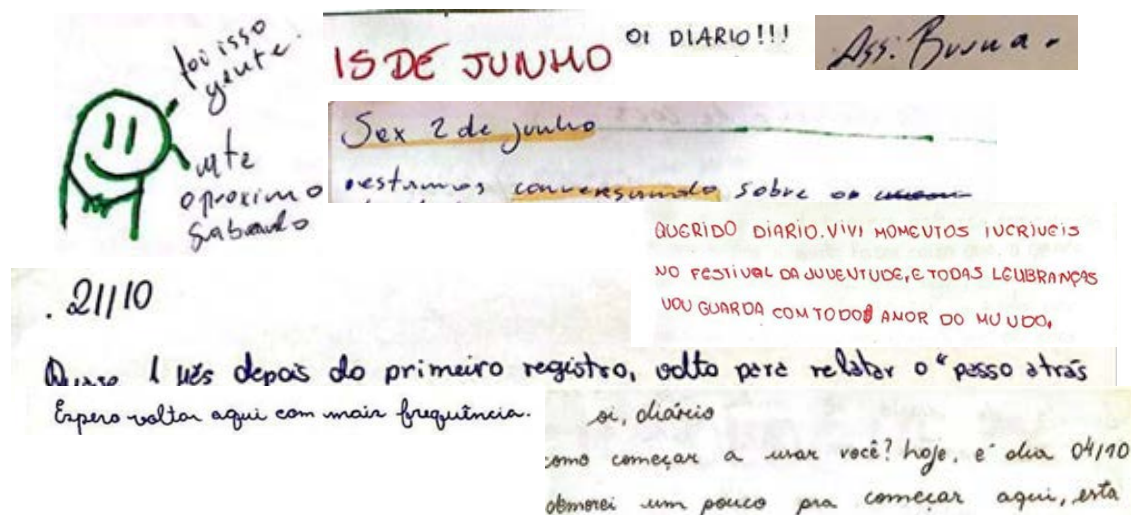


esperado é que, ao atingir a maioria (reconhecida pela sociedade), seja aos 18, seja aos 21 anos, o jovem passe a se interessar e poder atuar de forma política. Tal maioria consistiria, em última análise, no momento em que os sujeitos teriam chegado ao patamar intelectual e psicológico ideal para entenderem a si, aos outros e ao mundo, sendo considerados, portanto, aptos a ingressar na sociedade democraticamente organizada, com suas regras, seus códigos e suas práticas (Pérez *et al.*, 2008).

No entanto, a juventude que participa dessa pesquisa e de tantas outras, confronta essa ideia de juventude neutra e não participativa, à medida em que é uma juventude organizada politicamente, que possui uma participação social que ultrapassa compreensões endurecidas a respeito de enquadramentos ou limites, dentre números ou leis. Tendo no corpo, as marcas daquilo que pulsa e precisa fluir através da manifestação, seja na escola ou nas ruas, pondo em pauta, por meio do grito, dos cartazes e dos gestos, aquilo que a incomoda. É uma juventude que é voz, que faz, por meio dessas escritas no mundo, caminhos que irrompem com o pré-estabelecido para o corpo à margem. Em meio a tantos regimes de autorização discursiva sobre as vozes, a juventude quer falar e, principalmente, ouvir-se e ser ouvida quanto à vida, à cidade, aos direitos humanos, à arte, ao corpo, ao gênero, à sexualidade, entre outros tantos temas.

Esses diários-escrevíveis surgiram como campo de reivindicação de despejo, mais ainda, como espaços de conforto e de confidencialidade, o que acabou por produzir uma heterogeneidade na escrita, demonstrando a pluralidade das relações tecidas com esse material. Algumas pessoas começavam seus registros com a data que estavam escrevendo, outras com “oi diário”, outras só pontuavam, outras desenhavam, outras assinavam seu nome no final, outras se despediam do diário.

Figura 6: Trechos de diários-escrevíveis



Fonte: arquivo pessoal



Os diários foram escritos em primeira pessoa, mas, ao assumirem uma centralidade na equipe de partilha, através de uma troca cotidiana, ajudaram a compor um “nós”. Foram inundados de expressividade e espontaneidade, com registros em ordem cronológica, páginas datadas, desenhos e grifos que traziam um pouco de cada corpo, cada método, cada aproximação, com diferentes jeitos de se escre(vi)ver. Os diários-escrevíveis foram, por conseguinte, atores/atuantes da pesquisa, parte fundamental para a vinculação com o grupo e expressão única do que fazia tremer cada célula. Esse fato revelou-se para além dos conteúdos, iniciando o demonstrativo dessa relação afetiva com o aparato, através dos cumprimentos talhados nas folhas, que, por meio do “oi”, do “querido” ou do “bom dia”, mostravam o apego e o apropriar-se desenhados por cada pesquisador.

O registro nos diários-escrevíveis circulava em torno das problemáticas da pesquisa, mas, para além disso, trazia experiências, ideias, opiniões, desejos, sentimentos e acontecimentos de ordens que transversalizavam aquele tempo e espaço. Era um registro da vida, tendo relatos, poesias, encontros, cenas do cotidiano, músicas, situações vividas em casa, na escola, relatos de intimidade, como os relacionamentos, que talvez não fossem compartilhados e colocados em lugar algum, somente no diário. De tal maneira, os olhares diversos revelavam problemas, sonhos e afetações de ordens diferentes, expressas na materialidade escrevível de cada um. Essas múltiplas formas de experimentar e de se relacionar com o diário foram sendo produzidas no decorrer de toda a pesquisa, mostrando os caminhos tão pulsáteis de enunciar-se por meio da estética, expressa nas escritas de si, do outro e do mundo.

Foi uma relação íntima que se deu com estes dispositivos, delineando uma sensibilidade cara ao processo de construir conhecimento, que traz consigo, uma consequência potente, que diz dos construtos necessários aos modos de fazer viver para todos os corpos. Produziu-se, nos encontros grupais e nas escritas dos diários, espaços em que o dito, que carecia de ser ouvido, teve vazão, o que usualmente destoa, quando pensamos nas construções amplas que silenciam corpos marcados por identificações diferentes da norma colonial. As implicações em curso, os sentimentos, as percepções, as sensações, as ações, os acontecimentos, os seus efeitos e o que se coloca em funcionamento ultrapassaram as páginas e costuras, fazendo conexão com o real, com o que toca a pele, possibilitando registro e vislumbre para tudo aquilo que, numa vida corrida e cansativa diante da máquina capitalística, às vezes passa despercebido, sem perspectiva de enunciação.



Figura 7: Trechos de diários-escrevíveis



Fonte: arquivo pessoal

“Registrar” aparece nas tessituras dessa pesquisa como movimento comum, que afirma, mais uma vez, a demanda do manifesto e o imperativo de escrever a respeito das forças que compõem as existências que tornaram corpo neste processo. Na imagem acima, observa-se uma capa de um dos diários-escrevíveis de uma das pesquisadoras-secundaristas. Nela, a palavra “registro” ficou marcada em meio às composições artísticas características da estética do pixo. Em outro diário-escrevível, demarcado abaixo, em uma folha avulsa de uma outra pesquisadora-secundarista, percebe-se, no fim de um relato feito sobre um dia qualquer do seu cotidiano, a mesma tendência que deixa em cena a força do registro: “enfim só queria deixar registrado”.



Figura 8: Trecho de diários-escreviente⁹

1 Quarta, 14 de junho

20:43

eu sei lá tô me sentindo
meio para baixo
não sei o motivo, mas
tem uma coisa que eu to
tentando não deixar me afetar
mas lá no fundo tá me afetan-
do.

enfim só queria deixar
registrado.

Fonte: arquivo pessoal

O gesto de registrar acaba constituindo um processo transformador que desencadeia uma outra forma de ser – ou em um vir a ser –, promovendo o confronto entre diferentes quadros de sentido, desencadeando rupturas nos processos rotineiros (Marques; Biondi, 2016). Perguntamo-nos, nesse sentido: o que é deixar registrado? O que o diário-escreviente aciona que mobiliza o registro? O que estamos registrando? O que está sendo registrado? Nosso cotidiano. Nossa vida. Nossa história. Nossos anseios. Nossas criações. Alguns componentes expressos nestas materialidades fizeram transbordar as escrevivências aquém e além das questões de gênero na micropolítica do cotidiano escolar, carregando consigo nuances centrais que diziam sobre o próprio cotidiano das/es/os pesquisadoras/es, o que trazia e levava aquelas existências tão singulares até o encontro de pesquisa, todas as semanas, durante meses.

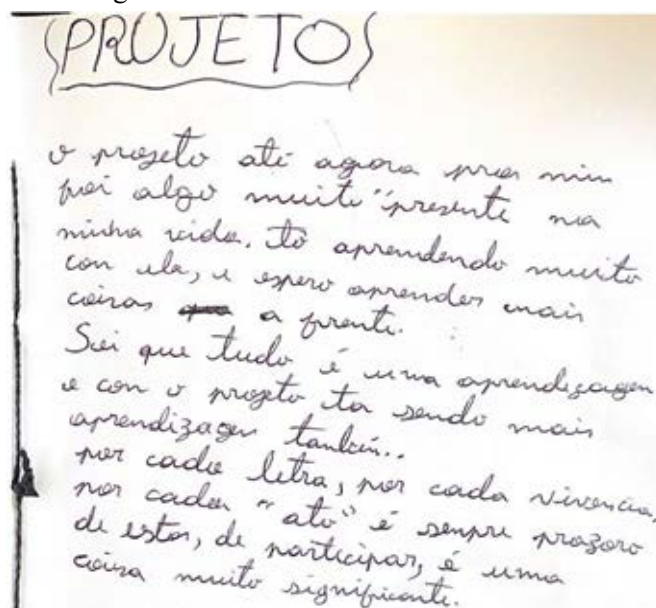
Segundo Marques e Biondi (2016), a experiência narrativizada – escrita e organizada sob a forma de um relato de si – nos transforma, possibilitando novas aberturas e afetações. A descrição da experiência narrada toma um novo sentido, uma nova perspectiva, cria-se uma diferença. Esse campo imagético e constitutivo de si e do mundo possibilita a partir da experimentação, uma escrita memográfica num tempo que é permissível ao deslocamento, à invenção e à ruptura. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família e da escola.

⁹ “Quarta, 14 de Junho, 20:43. Eu sei lá, tô me sentindo meio para baixo, não sei o motivo, mas tem uma coisa que eu to tentando não deixar me afetar mas lá no fundo tá me afetando. enfim, só queria deixar registrado.” (Legenda do diário-escreviente)



Deixar registrado é construir memória, é imaginar novos trajetos, é experimentar o sonho e o desejo, é traçar um mapeamento que produz e é produzido em concomitante temporalidade. Deixar registrado é construir uma contranarrativa que desafia o modo como somos costumeiramente registradas. Deixar registrado é um recado. Deixar registrado é um lembrete. Deixar registrado é construir possibilidade de vislumbre. Deixar registrado afirma a potência da fala e da escrita, que, por garranchos, profanam moldes de dizer. Deixar registrado é produzir vida. É fazer morrer histórias do colonizador a respeito de nossos corpos e apostar nas contações que se fazem ato, subversão ao extermínio.

Figura 8: Trecho de diários-escreviente¹⁰



Fonte: arquivo pessoal

“Por cada letra, por cada vivência” é o que entoa o fim dessa discussão. Estampada em um dos registros feitos em um dos diários-escrevientes pelo grupo de pesquisadoras/es, essa frase marca o cerne desse processo. A composição produz a letra-vivência. Escrevivência. Com esta pesquisa, percebemos como a escrevivência, enquanto operador teórico-metodológico, foi coerente para investigar as vivências cotidianas, articuladas em palavras escritas que diziam dos sentidos, dos cheiros, dos gostos, das imagens, dos afetos, das alegrias, das dores e das relações construídas por jovens de uma periferia fortalezense na escola pública e para além dela. A escrevivência mobilizou o potencial afirmativo de que podem os corpos marginalizados experimentarem esse campo da

¹⁰ “o projeto até agora pra mim foi algo muito presente na minha vida. tô aprendendo muito com ele, e espero aprender mais coisas a frente. Sei que tudo é uma aprendizagem e com o projeto tá sendo mais aprendizagem também. por cada letra, por cada vivência, por cada “ato” é sempre prazeroso de estar, participar, é uma coisa muito significativa.” (Legenda do diário-escreviente)

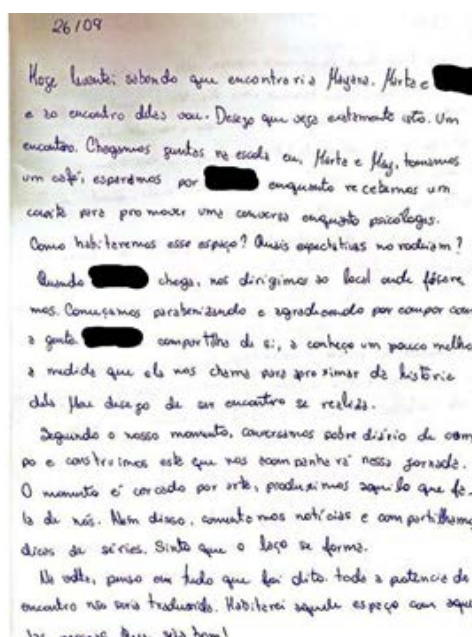


escrita, que, por tanto, lhes foi negado. Dessa forma, este conceito-ferramenta viabilizou uma forma possível de os jovens contarem suas histórias, que torcem as formatações do colonialismo na contemporaneidade e apontam caminhos de invenção de novas envergaduras possíveis.

4 Considerações finais

A escrevivência potencializou a expressão dos distintos e inúmeros modos de vida, emergindo como possibilidade de transgressão e ruptura à lógica colonial nas corporeidades, e funcionou como instrumento nesse confronto estrutural das amarras de dominação desse sistema, orientadas por um outro senso ético-estético-político. Desse modo, por meio da escrevivência, acionamos um campo de narrativização de si, mas sobretudo construtiva de um nós. Na escrevivência o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por uma coletividade. A escrevivência convocou um calibre pessoal, coletivo, social e político, tudo isso junto, em nós. A escrevivência é uma escrita de nós, constitui-se na nossa multiplicidade coletiva, conscientiza-nos de que somos capazes de escrever a nossa história e de que esta é agenciada a muitas vozes, corpos e mãos.

Figura 9: Trecho de diários-escrevivate¹¹



Fonte: arquivo pessoal

¹¹ “Hoje levantei sabendo que encontraria Mayara, Marta e Malakai e ao encontro delas vou. Desejo que seja exatamente isso. Um encontro. (...) Quando Malakai chega, nos dirigimos ao local onde ficaremos. Começamos parabenizando e agradecendo por compor com a gente. Malakai compartilha de si, a conheço um pouco melhor a medida que ela nos chama para aproximar da história dela. Meu desejo de ser encontro se realiza. Seguindo o nosso momento, conversamos sobre diário de campo e construímos este que nos acompanhará nessa jornada. O momento é cercado por arte, produzimos aquilo que fala de nós. (...) Sinto que o laço se forma. Na volta, penso em tudo que foi dito: toda a potência do encontro não seria traduzida. Habitarei aquele espaço com aquelas pessoas. Que seja bom!” (Legenda do diário-escrevivate).



Encerraremos este artigo trazendo para cena a primeira folha do diário-escreviente de Alanna. em que ela descreve o nosso primeiro encontro. Na oportunidade, teve-se como objetivo a apresentação da equipe, explicação e assinatura dos termos e produção dos diários de campo escrevientes. Algumas palavras chamam atenção: Encontro, Laço, Nós.

Fazer da pesquisa um encontro, não é óbvio, não é algo dado, como Alanna mesmo relata: ela deseja “ser encontro”. Ser encontro é desejo, em contraponto a pesquisas que se fazem com distanciamento, apostamos naquilo que se faz junto, que se faz COM, permitindo afetar e ser afetado, produzindo, assim, bons encontros (Espinosa, 1973). E é nesse encontro com o outro que construímos nossos laços e fazemos o(s) nó(s).

Dessa forma, este artigo não pretende esgotar ou encerrar este debate, mas, em diálogo com outros estudos, que também pesquisam as potencialidades das escrevivências em territórios educacionais, abrir possibilidades de reflexão e análise sobre as narrativas e práticas de re(existências) produzidas por juventudes, principalmente no campo das pesquisas participativas. A aposta que se segue é a do NÓS como um dispositivo de abertura para produção de modos de vida mais inventivos, vislumbrando, na diferença, com a arte, uma via a se seguir para pensar possíveis transgressões no debate.

Referências

- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11, p. 89–117, 2013.
- COSTA, Joaze Bernardino; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. *Sociedade e Estado*, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 15–24, 2016.
- BARROS, João Paulo Pereira; ACIOLY, Lilith Feitosa; RIBEIRO, Júlia Alves Dias. Re-tratos da juventude na cidade de Fortaleza: direitos humanos e intervenções micropolíticas. *Revista de Psicologia*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 115–128, 2016.
- CNPq. *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio – PIBIC EM*. Brasília, DF, Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/pibic-ensino-medio>. 2006.
- COSTA, Erica Atem Gonçalves de Araújo; BARROS, João Paulo Pereira. Intergeracionalidades em análise: (re)composições ético-estético-políticas em pesquisas-inter(in)venções com crianças e adultos. *Revista Desidões*, n. 28, p. 127-139, dez. 2020.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE,



Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. p. 26-47.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b. p. 48-57.

EVARISTO, Conceição. Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento [jun. 2017]. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TVBRASIL, 2017. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em: 27 jun. 2024.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 51-81.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais [Online]*, n. 80, p. 71-114, 2008.

MARQUES, Ângela; BIONDI, Angie. A vítima enunciada em redes: O dissenso como experiência estética. In: MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; DUARTE, Eduardo; FILHO, Jorge Cardoso (Orgs.). *Comunicação e sensibilidade: Pistas metodológicas*. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2016, p. 165-188.

MIRANDA, Luciana Lobo; CYSNE, Juliana de Brito; SOUZA FILHO, José Alves de. Juventude e Mídia: discutindo, criando e pesquisando. In: RIOS, Luiz Felipe; VIEIRA, Luciana Leila Fontes; QUEIROZ, Tacinara Nogueira de. (Orgs.). *Metodologias participativas e mobilização psicossocial: promoção da saúde e enfretamento da violência sexual e de gênero*. Recife: Editora UFPE, 2016. p. 209-231.

MORAES, Márcia. Do pesquisarCOM ou de Tecer e Destecer fronteiras. In: TAVARES, Gilead., MORAES, Márcia.; BERNARDES, Anita. (Org.). *Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia*. Vitória: EDUFES, p. 77-88. 2014.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

PÉREZ, Beatriz Corsino; PÓVOA, Juliana; MONTEIRO, Renata; CASTRO, Lucia Rabello de. Cidadania e participação social: Um estudo com crianças no Rio de Janeiro. *Psicologia & Sociedade*, n. 20, v. 2, p. 181-191, 2008.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.



SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTANA, Janayna Medeiros Pinto. Sudacas – corpos insurgentes. In: II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2018, Goiânia. *Anais do Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018. p. 1308 - 1311.

